

EÇA DE QUEIRÓS

METAS CURRICULARES
Leitura
recomendada
9.º ano

CIVILIZAÇÃO E OUTROS CONTOS

Prefácio de
Maria do Rosário Pedreira



Índice

Prefácio	7
Civilização	13
A Aia	61
O Tesouro	73
O Suave Milagre	89
Outro Amável Milagre	107
Singularidades de Uma Rapariga Loura	119
Frei Genebro	165
A Perfeição	187
José Matias	223

Prefácio

De nada serviu à família conservadora de Carolina d'Eça proibir-lhe o namoro com José Maria Teixeira de Queirós, dois anos mais velho e filho de gente considerada perigosamente liberal. A verdade é que os dois jovens ignoraram avisos e conselhos, continuaram a encontrar-se às escondidas, e Carolina acabou por engravidar. Escândalos à parte (que aqueles não eram tempos propriamente piedosos para as mães solteiras), esse «mau passo» veio mesmo a calhar para quem olha agora para a situação pelas lentes privilegiadas do século XXI: é que, graças a ele, a literatura portuguesa conta com a magnífica obra de José Maria Eça de Queirós, o seu primeiro filho e um dos mais geniais escritores portugueses de todos os tempos. Egoísmo nosso? Sem dúvida, mas completamente justificado.

A infância do romancista, contista, cronista (e muito mais) Eça de Queirós, como ficaria conhecido para

a posteridade, não deve ter sido fácil. Nascido na Póvoa de Varzim no ano de 1845, foi declarado apenas filho do pai para evitar vergonhas à mãe (que, aliás, escolheu dá-lo à luz longe de casa); e, apesar de Carolina e José Maria terem conseguido finalmente casar-se em 1849, foi só seis anos mais tarde que o rapaz teve autorização para ir viver com eles e com os irmãos, que já eram quatro. Podemos, assim, intuir que a observação implacável do real, o humor cáustico e o apuradíssimo sentido crítico do nosso Eça — características por demais evidentes na sua obra romanesca (*O Crime do Padre Amaro*, *A Relíquia*, *Os Maias*...) —, e até um certo prazer irreverente em provocar os burgueses moralistas e falsamente bem-comportados (que praticou em livros como *As Farpas* ou *Correspondência de Fradique Mendes*), terão começado a desenvolver-se bastante cedo na sua vida por força das circunstâncias.

E, porém, é curioso que (com a exceção do conto «Civilização», que constitui um esboço do que se tornaria mais tarde o romance *A Cidade e as Serras*, publicado postumamente) algumas dessas marcas estilísticas pelas quais o escritor realista ficaria célebre — antes de todas, a crítica da vida social portuguesa (e Eça, que ocupou durante muitos anos funções diplomáticas no estrangeiro, até parecia ver melhor

o País a partir de fora) — não são assim tão imediatamente reconhecíveis no conjunto dos seus contos; mas isso, longe de ser um defeito, só vem provar que Eça é, afinal, um escritor versátil e que, se tem mão para a narrativa longa, com enredos ricos em reviravoltas e profusão de detalhes, não fica atrás quando se dedica a narrativas curtas que, ao contrário do que possa supor-se, são de execução bastante exigente, pois obrigam a que tudo seja mais contido e concentrado em matéria de ação, espaço, tempo e personagens. O próprio escritor tinha, de resto, ideias muito concretas sobre este assunto e, para nossa sorte, deixou-as registadas: «No conto tudo precisa de ser apontado num risco leve e sóbrio: das figuras deve-se ver apenas a linha flagrante e definidora que revela e fixa uma personalidade; dos sentimentos, apenas o que caiba num olhar, ou numa dessas palavras que escapa dos lábios e traz todo o ser; da paisagem somente os longes, numa cor unida.»

Confirmando as suas próprias palavras (e que não se passe ao lado das belíssimas metáforas acabadinhas de ler!), os contos que Eça de Queirós escreve ao longo da vida — publicados em revistas e almanaques, e reunidos, pela primeira vez, em livro em 1902, dois anos após a sua morte, graças à colaboração do seu amigo Luís de Magalhães — têm, com

efeito, enredos bastante simples e lineares, parecendo, aliás, à primeira vista, redigidos sem grandes pretensões literárias; e, embora ressalte de alguns deles um tom quase de fábula, com uma moral da história subentendida (é o caso de «O Tesouro», no qual a avidez de bens materiais é castigada de forma um tudo-nada previsível; ou de «O Suave Milagre», em que a modéstia de uma mãe acaba por ser recompensada), temos de admitir que, escritos há mais de um século, todos eles se mantêm incrivelmente atuais.

Nesta medida, no já referido «Civilização», o tédio extremo de Jacinto (que tem praticamente uma escova para cada fio de cabelo e viaja — pame-se — com 37 malas!) bem pode comparar-se, nos dias que correm, ao dos meninos a quem os pais já não sabem o que oferecer, porque, tendo eles tudo, estão sempre aborrecidos de morte. Os cada vez mais aguerridos defensores dos direitos dos animais do século XXI (que até criaram um partido político e conseguiram representação parlamentar) não deixarão de se identificar com «Deus» no delicioso conto «Frei Genebro», em que um frade que é um autêntico poço de virtudes não consegue, coitado!, alcançar o Céu... e tudo por causa de uma perna de leitão (que, ainda por cima, não comeu). Porque o

amor é um sentimento universal que se repete em todas as gerações com os mesmíssimos sintomas, aqueles que já estiveram apaixonados entenderão também sem qualquer dificuldade a cegueira do pinga-amor Macário em «Singularidades de Uma Rapariga Loura» e as atitudes tontas deste rapaz que «aos vinte e dois anos, ainda não tinha [...] sentido Vênus» (oh, que maravilha de imagem) e a quem os distúrbios do coração acabam, num fantástico detalhe queirosiano, por alterar até a caligrafia... Por sua vez, «O Suave Milagre» evoca os que pensam que o dinheiro compra tudo — e desses, como bem sabemos, está desde sempre o mundo cheio. Não querendo esgotar os exemplos (que em literatura é aconselhável deixar algumas coisas por revelar), refira-se, só para terminar, que alguns valores que se encontram hoje em crise na Europa — como a lealdade, o sentido do dever e até o brio no desempenho profissional — estão sublimemente ilustrados no conto «A Aia», que Eça relata com a força de um episódio bíblico, tal a grandeza dos sentimentos da protagonista e a lição que tomamos do seu altruísmo neste tempo em que reinam a falta de escrúpulos e o individualismo.

Como se vê, Eça de Queirós escreveu contos para todos os gostos, e o presente volume, que inclui uma

seleção criteriosa e representativa, deve ser, por isso mesmo, lido, saboreado e desfrutado — e, claro, abrir o apetite para a restante obra do mestre.

Maria do Rosário Pedreira

Civilização

I

Eu possuo preciosamente um amigo (o seu nome é Jacinto) que nasceu num palácio, com quarenta contos de renda em pingues terras de pão, azeite e gado.

Desde o berço, onde sua mãe, senhora gorda e crédula de Trás-os-Montes, espalhava, para reter as Fadas Benéficas, funcho e âmbar, Jacinto fora sempre mais resistente e são que um pinheiro das dunas. Um lindo rio, murmuroso e transparente, com um leito muito liso de areia muito branca, refletindo apenas pedaços lustrosos de um céu de verão ou ramagens sempre verdes e de bom aroma, não ofereceria, àquele que o descesse numa barca cheia de almofadas e de champanhe gelado, mais doçura e facilidades do que a vida oferecia ao meu camarada Jacinto. Não teve sarampo e não teve lombriças. Nunca padeceu, mesmo na idade em que se lê Balzac e Musset, os tormentos da sensibilidade.

Nas suas amizades foi sempre tão feliz como o clássico Orestes. Do amor só experimentara o mel — esse mel que o amor invariavelmente concede a quem o pratica, como as abelhas, com ligeireza e mobilidade. Ambição, sentira somente a de compreender bem as ideias gerais, e a «ponta do seu intelecto» (como diz o velho cronista medieval) não estava ainda romba nem ferrugenta... E todavia, desde os vinte e oito anos, Jacinto já se vinha repastando de Schopenhauer, do *Eclesiastes*, de outros pessimistas menores, e três, quatro vezes por dia, bocejava, com um bocejo cavo e lento, passando os dedos finos sobre as faces, como se nelas só palpasse palidez e ruína. Porquê?

Era ele, de todos os homens que conheci, o mais complexamente civilizado — ou antes aquele que se munira da mais vasta soma de civilização material, ornamental e intelectual. Nesse palácio (floridamente chamado o Jasmineiro) que seu pai, também Jacinto, construíra sobre uma honesta casa do século XVII, assoalhada a pinho e branqueada a cal — existia, creio eu, tudo quanto para bem do espírito ou da matéria os homens têm criado, através da incerteza e dor, desde que abandonaram o vale feliz de Septa-Sindu, a Terra das Águas Fáceis, o doce país ariano. A biblioteca — que em duas salas, amplas e claras como praças, forrava as paredes, inteiramente, desde

os tapetes de Carmânia até ao teto, donde, alternadamente, através de cristais, o sol e a eletricidade vertiam uma luz estudiosa e calma — continha vinte e cinco mil volumes, instalados em ébano, magnificamente revestidos de marroquim escarlate. Só sistemas filosóficos (e com justa prudência, para poupar espaço, o bibliotecário apenas colecionara os que irreconciliavelmente se contradizem) havia mil e oitocentos e dezassete!

Uma tarde que eu desejava copiar um ditame de Adam Smith, percorri, buscando este economista ao longo das estantes, oito metros de economia política! Assim se achava formidavelmente abastecido o meu amigo Jacinto de todas as obras essenciais da inteligência — e mesmo da estupidez. E o único inconveniente deste monumental armazém do saber era que todo aquele que lá penetrava, inevitavelmente lá adormecia, por causa das poltronas, que, providas de finas pranchas móveis para sustentar o livro, o charuto, o lápis das notas, a taça de café, ofereciam ainda uma combinação oscilante e flácida de almofadas, onde o corpo encontrava logo, para mal do espírito, a doçura, a profundidade e a paz estirada de um leito.

Ao fundo, e como um altar-mor, era o gabinete de trabalho de Jacinto. A sua cadeira, grave e abacial,

de couro, com brasões, datava do século XIV, e em torno dela pendiam numerosos tubos acústicos, que, sobre os panejamentos de seda cor de musgo e cor de hera, pareciam serpentes adormecidas e suspensas num velho muro de quinta. Nunca recordo sem assombro a sua mesa, recoberta toda de sagazes e subtis instrumentos para cortar papel, numerar páginas, colar estampilhas, aguçar lápis, raspar emendas, imprimir datas, derreter lacre, cintar documentos, carimbar contas! Uns de níquel, outros de aço, rebri-lhantes e frios, todos eram de um manejo laborioso e lento: alguns, com as molas rígidas, as pontas vivas, brilhavam e feriam: e nas largas folhas de papel *Whatman* em que ele escrevia, e que custavam quinhentos réis, eu por vezes surpreendi gotas de sangue do meu amigo. Mas a todos ele considerava indispensáveis para compor as suas cartas (Jacinto não compunha obras) assim como os trinta e cinco dicionários, e os manuais, e as enciclopédias, e os guias, e os diretórios, atulhando uma estante isolada, esguia, em forma de torre, que silenciosamente girava sobre o seu pedestal, e que eu denominara o Farol. O que, porém, mais completamente imprimia àquele gabinete um portentoso caráter de civilização eram, sobre as suas peanhas de carvalho, os grandes aparelhos, facilitadores do pensamento

— a máquina de escrever, os autocopistas, o telégrafo Morse, o fonógrafo, o telefone, o teatrafone, outros ainda, todos com metais luzidios, todos com longos fios. Constantemente sons curtos e secos retiniam no ar morno daquele santuário. Tique, tique, tique! Dlim, dlim, dlim! Craque, craque, craque! Trrre, Trrre, Trrre!... Era o meu amigo comunicando. Todos esses fios mergulhados em forças universais transmitiam forças universais. E elas nem sempre, desgraçadamente, se conservavam domadas e disciplinadas! Jacinto recolhera no fonógrafo a voz do conselheiro Pinto Porto, uma voz oracular e rotunda, no momento de exclamar com respeito, com autoridade:

— *Maravilhosa invenção! Quem não admirará os progressos deste século?*

Pois, numa doce noite de S. João, o meu supercivilizado amigo, desejando que umas senhoras parentas de Pinto Porto (as amáveis Gouveias) admirassem o fonógrafo, fez romper do bocarrão do aparelho, que parece uma trompa, a conhecida voz rotunda e oracular:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

Mas, inábil ou brusco, certamente desconcertou alguma mola vital — porque de repente o fonógrafo começa a redizer, sem descontinuação, interminavelmente, com uma sonoridade cada vez mais rotunda, a sentença do conselheiro:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

Debalde Jacinto, pálido, com os dedos trémulos, torturava o aparelho. A exclamação recomeçava, rolava, oracular e majestosa:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

Enervados, retirámos para uma sala distante, pesadamente revestida de panos de Arrás. Em vão! A voz de Pinto Porto lá estava, entre os panos de Arrás, implacável e rotunda:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

Furiosos, enterrámos uma almofada na boca do fonógrafo, atirámos por cima mantas, cobertores espessos, para sufocar a voz abominável. Em vão! Sob a mordança, sob as grossas lãs, a voz rouquejava, surda mas oracular.

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

As amáveis Gouveias tinham abalado, apertando desesperadamente os xales sobre a cabeça. Mesmo à cozinha, onde nos refugiámos, a voz descia, engasgada e gosmosa:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

Fugimos espavoridos para a rua.

Era de madrugada. Um fresco bando de raparigas, de volta das fontes, passava cantando com braçados de flores:

*Todas as ervas são bentas
Em manhã de S. João...*

Jacinto, respirando o ar matinal, limpava as bagas lentas do suor. Recolhemos ao Jasmineiro, com o sol já alto, já quente. Muito de manso abrimos as portas, como no receio de despertar *alguém*. Horror! Logo da antecâmara percebemos sons estrangulados, roufe-nhos: «*admirará... progressos... século!...*» Só de tarde um electricista pôde emudecer aquele fonógrafo horrendo.

Bem mais aprazível (para mim) do que esse gabinete temerosamente atulhado de civilização — era

a sala de jantar, pelo seu arranjo compreensível, fácil e íntimo. À mesa só cabiam seis amigos, que Jacinto escolhia com critério na literatura, na arte e na metafísica, e que, entre as tapeçarias de Arrás, representando colinas, pomares e pórticos da Ática, cheias de classicismo e de luz, renovavam ali repetidamente banquetes que, pela sua intelectualidade, lembravam os de Platão. Cada garfada se cruzava com um pensamento ou com palavras destramente arranjadas em forma de pensamento.

E a cada talher correspondiam seis garfos, todos de feitios dissemelhantes e astuciosos — um para as ostras, outro para o peixe, outro para as carnes, outro para os legumes, outro para a fruta, outro para o queijo. Os copos, pela diversidade dos contornos e das cores, faziam, sobre a toalha, mais reluzente que esmalte, como ramalhetes silvestres espalhados por cima de neve. Mas Jacinto e os seus filósofos, lembrando o que o experiente Salomão ensina sobre as ruínas e amarguras do vinho, bebiam apenas em três gotas de água uma gota de Bordéus (Chateaubriand, 1860). Assim o recomendam Hesíodo no seu *Nereu*, Díocles nas suas *Abelhas*. E de águas havia sempre no Jasmineiro um luxo redundante — águas geladas, águas carbonatadas, águas esterilizadas, águas gasosas, águas de sais, águas minerais, outras

ainda, em garrafas sérias, com tratados terapêuticos impressos no rótulo... O cozinheiro, mestre Sardão, era daqueles que Anaxágoras equiparava aos Retóricos, aos Oradores, a todos os que sabem a arte divina de «temperar e servir a Ideia»: e em Síbaris, cidade do Viver Excelente, os magistrados teriam votado a mestre Sardão, pelas festas de Juno Lacínia, a coroa de folhas de ouro e a túnica milésia que se devia aos benfeitores cívicos. A sua sopa de alcachofras e ovas de carpa; os seus filetes de veado macerados em velho Madeira com puré de nozes; as suas amoras geladas em éter, outros acepipes ainda, numerosos e profundos (e os únicos que tolerava o meu Jacinto), eram obras de um artista, superior pela abundância das ideias novas — e juntavam sempre a raridade do sabor à magnificência da forma. Tal prato desse mestre incomparável parecia, pela ornamentação, pela graça florida dos labores, pelo arranjo dos coloridos frescos e cantantes, uma joia esmaltada do cinzel de Cellini ou Meurice. Quantas tardes eu desejei fotografar aquelas composições de excelente fantasia, antes que o trinchante as retalhasse! E esta superfinidade do comer condizia deliciosamente com a do servir. Por sobre um tapete, mais fofo e mole que o musgo da floresta da Brocelanda, deslizavam, como sombras fardadas de branco, cinco criados

e um pajem preto, à maneira vistosa do século XVIII. As travessas (de prata) subiam da cozinha e da copa por dois ascensores, um para as iguarias quentes, forrado de tubos onde a água fervia; outro, mais lento, para as iguarias frias, forrado de zinco, amônia e sal, e ambos escondidos por flores tão densas e viçosas, que era como se até a sopa saísse fumegando dos românticos jardins de Armida. E muito bem me lembro de um domingo de maio em que, jantando com Jacinto um bispo, o erudito bispo de Chorazin, o peixe emperrou no meio do ascensor, sendo necessário que acudissem, para o extrair, pedreiros com alavancas.

II

Nas tardes em que havia «banquete de Platão» (que assim denominávamos essas festas de trufas e ideias gerais), eu, vizinho e íntimo, aparecia ao declinar do Sol e subia familiarmente ao quarto do nosso Jacinto — onde o encontrava sempre incerto entre as suas casacas, porque as usava alternadamente de seda, de pano, de flanelas Jaegher e de *foulard* das Índias. O quarto respirava o frescor e aroma do jardim por duas vastas janelas, providas magnificamente (além das cortinas de seda mole Luís XV) de uma vidraça exterior de cristal inteiro, de uma vidraça interior de cristais miúdos, de um toldo rolando na cimalha, de um estore de sedinha frouxa, de gazes que franziam e se enrolavam como nuvens e de uma gelosia móvel de gradaria mourisca. Todos estes resguardos (sábria invenção de Holland & C.^a, de Londres) serviam a graduar a luz e o ar — segundo os avisos de termómetros,

barômetros e higrômetros, montados em ébano, e a que um meteorologista (Cunha Guedes) vinha, todas as semanas, verificar a precisão.

Entre estas duas varandas rebrilhava a mesa de *toilette*, uma mesa enorme de vidro, toda de vidro, para a tornar impenetrável aos micróbios, e coberta de todos esses utensílios de asseio e alinho que o homem do século XIX necessita numa capital, para não desfear o conjunto sumptuário da civilização. Quando o nosso Jacinto, arrastando as suas enge-nhosas chinelas de pelica e seda, se acercava desta ara — eu, bem aconchegado num divã, abria com indolência uma revista, ordinariamente a *Revista Eletropática*, ou a das *Indagações Psíquicas*. E Jacinto começava... Cada um desses utensílios de aço, de marfim, de prata, impunham ao meu amigo, pela influência onnipoderosa que as coisas exercem sobre o dono (*sunt tyranniae rerum*) o dever de o utilizar com aptidão e deferência. E assim as operações do alindamento de Jacinto apresentavam a prolixidade, reverente e insuprimível, dos ritos de um sacrifício.

Começava pelo cabelo... Com uma escova chata, redonda e dura, acamava o cabelo, corredio e louro, no alto, aos lados da risca; com uma escova estreita e recurva, à maneira do alfange de um persa, ondeava

o cabelo sobre a orelha; com uma escova côncava, em forma de telha, empastava o cabelo, por trás, sobre a nuca... Respirava e sorria. Depois, com uma escova de longas cerdas, fixava o bigode; com uma escova leve e flácida acurvava as sobrancelhas; com uma escova feita de penugem regularizava as pestanas. E deste modo Jacinto ficava diante do espelho, passando pelos sobre o seu pelo, durante catorze minutos.

Penteado e cansado, ia purificar as mãos. Dois criados, ao fundo, manobravam com perícia e vigor os aparelhos do lavatório — que era apenas um resumo dos maquinismos monumentais da sala de banho. Ali, sobre o mármore verde e róseo do lavatório, havia apenas dois duches (quente e frio) para a cabeça; quatro jatos, graduados desde zero até cem graus; o vaporizador de perfumes; a fonte de água esterilizada (para os dentes); o repuxo para a barba; e ainda torneiras que rebrilhavam e botões de ébano que, de leve roçados, desencadeavam o marulho e o estridor de torrentes nos Alpes... Nunca eu, para molhar os dedos, me cheguei àquele lavatório sem terror — escarmentado da tarde amarga de janeiro em que bruscamente, dessoldada a torneira, o jato de água a cem graus rebentou, silvando e fumegando, furioso, devastador... Fugimos todos,

espavoridos. Um clamor atroou o Jasmineiro. O velho Grilo, escudeiro que fora do Jacinto pai, ficou coberto de empolas na face, nas mãos fiéis.

Quando Jacinto acabava de se enxugar laboriosamente a toalhas de felpo, de linho, de corda entrançada (para restabelecer a circulação), de seda frouxa (para lustrar a pele) bocejava, com um bocejo cavo e lento.

E era este bocejo, perpétuo e vago, que nos inquietava a nós, seus amigos e filósofos. Que faltava a este homem excelente? Ele tinha a sua inabalável saúde de pinheiro-bravo, crescido nas dunas; uma luz da inteligência, própria a tudo iluminar, firme e clara sem tremor ou morrão; quarenta magníficos contos de renda; todas as simpatias de uma cidade chasqueadora e cética; uma vida varrida de sombras, mais liberta e lisa do que um céu de verão... E todavia bocejava constantemente, palpava na face, com os dedos finos, a palidez e as rugas. Aos trinta anos Jacinto corcovava, como sob um fardo injusto! E pela moralidade desconsolada de toda a sua ação parecia ligado, desde os dedos até à vontade, pelas malhas apertadas de uma rede que se não via e que o travava. Era doloroso testemunhar o fastio com que ele, para apontar um endereço, tomava o seu lápis pneumático, a sua pena elétrica — ou, para avisar o cocheiro,

apanhava o tubo telefónico!... Neste mover lento do braço magro, nos vincos que lhe arrepanhavam o nariz, mesmo nos seus silêncios, longos e derreados, se sentia o brado constante que lhe ia na alma: «Que maçada! Que maçada!» Claramente a vida era para Jacinto um cansaço — ou por laboriosa e difícil, ou por desinteressante e oca. Por isso o meu pobre amigo procurava constantemente juntar à sua vida novos interesses, novas facilidades. Dois inventores, homens de muito zelo e pesquisa, estavam encarregados, um em Inglaterra, outro na América, de lhe noticiar e de lhe fornecer todas as invenções, as mais miúdas, que concorressem a aperfeiçoar a confortabilidade do Jasmineiro. De resto, ele próprio se correspondia com Edison. E, pelo lado do pensamento, Jacinto não cessava também de buscar interesses e emoções que o reconciliassem com a vida — penetrando à cata dessas emoções e desses interesses pelas veredas mais desviadas do saber, a ponto de devorar, desde janeiro a março, setenta e sete volumes sobre a *evolução das ideias morais entre as raças negroides*. Ah! nunca homem deste século batalhou mais esforçadamente contra a *seca de viver*! Debalde! Mesmo de explorações tão cativantes como essa, através da moral dos negroides, Jacinto regressava mais murcho, com bocejos mais cavos!

E era então que ele se refugiava intensamente na leitura de Schopenhauer e do *Eclesiastes*. Porquê? Sem dúvida porque ambos esses pessimistas o confirmavam nas conclusões que ele tirava de uma experiência paciente e rigorosa, «que tudo é vaidade ou dor, que quanto mais se sabe, mais se pena, e que ter sido rei de Jerusalém e obtido os gozos todos na vida só leva a maior amargura...» Mas porque rolara assim a tão escura desilusão — o saudável, rico, sereno e intelectual Jacinto? O velho escudeiro Grilo pretendia que «Sua Excelência sofria de fartura»!

Eça de Queirós, no seu estilo inconfundível, foi um dos maiores contistas da literatura portuguesa.

Publicados em inúmeros jornais e revistas ao longo de toda a sua carreira jornalística, os contos de Eça de Queirós foram reunidos, pela primeira vez, em 1902.

Como contista, Eça de Queirós procurou explorar essencialmente temas históricos e reflexões sobre a condição humana.

Civilização, A Aia, O Tesouro, O Suave Milagre, Outro Amável Milagre, Singularidades de Uma Rapariga Loura, Frei Genebro, A Perfeição e José Matias, contos escolhidos para esta obra, demonstram a capacidade engenhosa do autor para criar personagens inesquecíveis em enredos simples e curtos.

«Como se vê, Eça de Queirós escreveu contos para todos os gostos, e o presente volume, que inclui uma seleção criteriosa e representativa, deve ser, por isso mesmo, lido, saboreado e desfrutado — e, claro, abrir o apetite para a restante obra do mestre.»

in Prefácio de Maria do Rosário Pedreira

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



 <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-707-600-8</p> <p>14+</p>  <p>9 789897 076008</p> <p>Literatura Juvenil</p>
--	---